

# UNINDO GERAÇÕES PELA ESCRITA: ANÁLISE DE UMA EXPERIÊNCIA EDUCATIVA ALICERÇADA NA TROCA DE CORRESPONDÊNCIAS ENTRE IDOSOS E CRIANÇAS

Alessandra Rodrigues LUZ<sup>1</sup> (UNIPLAC)

**RESUMO:** A escrita na escola tem sido alvo de constantes discussões. Muitas delas devem-se à dificuldade dos estudantes em produzir textos autorais. Este trabalho busca, pela breve análise de uma experiência educativa de troca de cartas entre idosos e crianças, encontrar possíveis rumos na busca por uma escrita mais viva e significativa na escola. A experiência parece contribuir para a desmistificação do escrever e para sua (re)significação. A escritura das missivas aponta para uma educação que se faz pelo intercâmbio de saberes, pela interação afetiva e comprometida com o outro e pelo desenvolvimento da autoria numa perspectiva sócio-cultural.

**Palavras-chave:** cartas, autoria, interação, escrita, escola.

**ABSTRACT:** The writing in the school has been target of permanent discussions. Many of them are due to the difficulty of the students to the produce authoral texts. This work aims by a brief analysis of an educative experience of exchange of letters between elder ones and children to find possible ways of searching for a more living and significant writing in the school. The experience seems to contribute to the desmistification of the writing and to its re-signification. The writing of the missives points out to an education that is done by the exchange of knowledges, by the affective interaction and compromised to the other one and by development of the authorship through a social and cultural perspective.

**Key words:** letters, authorship, interaction, writing, school.

## 1. Introdução

Escrevemos cartas para amigos distantes, pois as palavras escritas nos aproximam deles; escrevemos cartas para pequenos e grandes amores, pois as letras no papel eternizam nossos sentimentos; escrevemos cartas para nós mesmos, pois o refletir-se na folha decorada pelos sinais da língua nos ajuda a sabermos quem somos. Escrevemos cartas para as mais diversas finalidades e nas mais variadas situações. Quase sempre essas epístolas operam alguma diferença em nós e em nossos interlocutores. O que dizer, então, de cartas que alicerçam um processo educativo e levam ao conhecimento de si e do outro por meio da construção de uma escrita criativa, afetiva e desvinculada dos “julgamentos” escolares?

O Projeto “Unindo Gerações”, desenvolvido pela Unimed – Lages/SC em parceria com uma escola particular do município e a ALTERI<sup>2</sup> promoveu durante quase dois anos a troca de correspondência entre idosos e crianças. Entender um pouco melhor esta experiência pode nos apontar caminhos para a utilização das cartas no ambiente escolar como um instrumento capaz de instigar a impulsão para a escrita criativa em nossos alunos e afastá-los das produções “insossas” destinadas somente ao olhar e à leitura, muitas vezes apenas reprovadores, dos docentes?

É esse questionamento que deverá orientar a discussão aqui proposta e a análise da experiência relatada neste trabalho. Afinal de contas, buscamos também na escola o desenvolvimento de uma escrita reveladora, criativa e por isso construtora do sujeito. Não a *escrita-cópia*, a *escrita-castigo*, a *escrita-norma*; pois como lembra Marques (2003, p. 29), “aquilo que, de si, seria gratificante e provocativo, pode afigurar-se algo penoso e paralisante”.

---

<sup>1</sup> Alessandra Rodrigues Luz – Graduada e pós-graduada em Letras (UNIPLAC) e mestranda do PPGE em Educação da UNIPLAC. Contato de e-mail: [alessandra@cubofilmes.com.br](mailto:alessandra@cubofilmes.com.br)

<sup>2</sup> Associação Lageana da Terceira Idade. Foi criada em 1989 e é uma entidade civil sem fins lucrativos. A ALTERI é mantida com recursos da Prefeitura de Lages, recursos federais dos programas Fome Zero e Ação Continuada, além de doações. Conta com cinco funcionários e três voluntários, e atende 1.000 idosos de todas as classes sociais. O objetivo da Associação é “resgatar a cidadania e bem-estar social dos idosos por meio de atividades e eventos que elevem sua qualidade de vida”. Para isso, desenvolve atividades físicas, culturais e artísticas em todos os bairros de Lages promovendo encontros semanais e mensais com os idosos.

## 2. “Unindo Gerações”: historiar para entender...

O Projeto, idealizado e implementado pela Unimed – Lages/SC, foi desenvolvido no período de Agosto de 2001 a Julho de 2003. O objetivo geral que orientou as ações foi:

Promover a interação entre gerações – idosos e crianças – através da troca de correspondência, contribuindo efetivamente no processo de aprendizagem em saúde; educando a nova geração para a prevenção de doenças, melhoria da qualidade de vida e valorização do idoso. (UNIMED, 2001, p. 3)

O público-alvo do projeto foi composto por crianças de 4<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> série do Ensino Fundamental, estudantes, como já foi dito, de uma escola particular de Lages; e idosos membros da ALTERI que fossem diabéticos e/ou hipertensos. A escolha por esses idosos deve-se a um dos objetivos específicos do projeto de “propagar conhecimentos sobre prevenção e cuidados com a saúde”, cujo foco foram as duas doenças citadas (UNIMED, 2001, p.5).

No início das ações, em 2001, participaram 50 idosos e 120 crianças. Esse número se conservou no segundo ano de realização do projeto e alterou-se em 2003 para 45 idosos e 115 crianças. Cada idoso tinha como correspondentes duas ou três crianças. Doze educadores, professores das séries envolvidas, também participaram das ações junto aos estudantes realizando um trabalho de estímulo e orientação na escrita das cartas. Dois médicos e uma assistente social da Unimed coordenaram as atividades. Além das cartas – tópico mais importante do projeto – foram promovidas, tanto com os idosos quanto com as crianças, palestras de conscientização sobre a realidade e as necessidades da terceira idade e prevenção de doenças como diabetes e hipertensão arterial; encontros entre os correspondentes; visitas às instituições envolvidas. Aqui, não detalharemos tais ações e direcionaremos nosso olhar às epístolas resultantes do projeto.

Antes, parece interessante destacar que os objetivos específicos do “Unindo Gerações” se dividiram em quatro eixos: Unimed, Escola, Crianças, Idosos. Transcreveremos aqueles referentes às crianças, pois é também a partir deles que será orientada nossa discussão.

Objetivos específicos – crianças:

1. Adquirir novos conhecimentos sobre prevenção de doenças e melhoria da qualidade de vida;
2. Propagar conhecimentos adquiridos;
3. Estimular o hábito da leitura;
4. Desenvolver a escrita e a criatividade;
5. Conhecer e compreender o processo de envelhecimento;
6. Valorizar a família e o idoso;
7. Promover a educação através das experiências de vida.

(UNIMED, 2001, p. 6)

A respeito do sétimo objetivo vale ressaltar a importância da escrita de si (no caso a carta) para promover uma educação que atente para as experiências de cada um. Parece-nos que alicerçada nessa escrita de si, afetiva e significativa, a educação deixa um pouco de lado a homogeneização cultural tão praticada nesses tempos neoliberais.

Essas práticas de produção de si podem ser entendidas como englobando um diversificado conjunto de ações, desde aquelas mais diretamente ligadas à escrita de si propriamente dita – como é o caso das autobiografias, dos diários e das cartas pessoais – , até a da constituição de uma memória de si, realizada pelo recolhimento de objetos materiais, com ou sem intenção de resultar em coleções. (...) O ponto central a ser retido é que, através desses tipos de práticas culturais, o indivíduo moderno está constituindo uma identidade para si através de seus documentos, cujo sentido passa a ser alargado. (GOMES, 2004, p. 11)

Nessa perspectiva, a escritura das cartas durante a realização do Projeto Unindo Gerações pode ter se constituído num importante veículo de construção identitária para os alunos e, ao mesmo tempo, de valorização das experiências e dos saberes individuais para o crescimento coletivo e o desenvolvimento da autoria.

### **3. Revisitando as cartas e garimpando autores**

#### **3.1. Para conhecer o todo: Um primeiro olhar...**

Durante o processo de correspondência, a Unimed serviu de intermediadora, recolhendo as cartas na escola, na ALTERI e realizando a entrega aos destinatários. Antes disso, a instituição reproduzia e arquivava esse material escrito.

Ao final de três anos de desenvolvimento do projeto, 973 cartas estão arquivadas, na Unimed, em seis álbuns organizados conforme a data de produção das mesmas. As cartas são fotocópias coloridas das originais que, por sua vez, eram escritas em cartões desenvolvidos especialmente para o “Unindo Gerações”.

Dois álbuns guardam as cartas produzidas em 2001 – ano inicial do projeto. Num deles há 166 epístolas, de crianças e de idosos; algumas organizadas de acordo com o andamento da correspondência e a seqüência de envios de respostas. Nesse álbum foram feitas divisões conforme a série das crianças: há duas quintas séries (98 cartas) e uma sexta série (68 cartas). No segundo álbum estão 281 cartas, também produzidas e enviadas em 2001. A subdivisão por séries foi feita da seguinte forma: quarta e quinta séries – 194 cartas, sexta e sétima séries – 87 cartas. Assim, daquele ano temos o arquivo de 447 missivas. É importante dizer ainda que a organização dos álbuns não prevê uma ordenação de acordo com os meses do ano, por isso fica difícil saber exatamente quando as cartas foram escritas, já que algumas não têm datas completas.

O ano de 2002 também está contemplado no arquivo com dois álbuns, ambos contendo cartas de crianças e idosos: o primeiro conta com 122 cartas e o segundo com 271. Não há mais divisão por séries e a ordenação conforme os meses do ano continua não aparecendo. A seqüência da troca de cartas não pode ser verificada com mesma facilidade com que pode ser feita nos álbuns do ano anterior. O total de correspondências daquele ano é de 393 epístolas.

O último ano do projeto, 2003, também conta com dois álbuns de cartas, embora o número de correspondências seja sensivelmente inferior: no primeiro álbum há 78 missivas de idosos e crianças. No segundo, 55 cartas apenas de crianças; perfazendo em 2003 um total de 133 epístolas.

Vale lembrar que as cartas das crianças são de um esmero admirável: há desenhos coloridos, bordas do papel pintadas, adesivos decorativos e uma infinidade de pequenos detalhes feitos à mão para dar personalidade à folha em branco. Também esses “pequenos caprichos” podem, senão devem, ser considerados passos em direção à autoria se os considerarmos como sendo as outras vozes do escrevente. Vozes coloridas, inquietas, que dizem coisas, tomam de assalto o autor e teimam em eternizar-se no papel, para que também ele – o autor – se eternize, se individualize, se diferencie e se reconheça pela folha escrita. Essa poderia ser uma “autoria de arte”, que demonstra, ao mesmo tempo, o prazer pelo ato de produzir algo de si e o apreço pelo outro – o leitor – tão presente já no momento da produção (apesar de fisicamente distante). É nesses detalhes, mimos e caprichos que também se constrói a autoria.

#### **3.2. O que dizem as letras desenhadas no papel: olhando as cartas mais de perto...**

Devido ao número expressivo de cartas arquivadas, não pudemos realizar um exame mais aprofundado de cada uma delas. Por isso, foram escolhidas 50 cartas de 2001 e 50 cartas de 2002 para análise. O critério de escolha priorizou as epístolas das crianças que estavam arquivadas com as respectivas respostas dos idosos por entendermos que isso colabora para melhor visualizarmos a evolução dos discursos durante o processo. As cartas de 2003 não foram escolhidas em função de não apresentarem seqüência de respostas e da redução do número de cartas de idosos ser percebida com facilidade. Como a coordenação do projeto afirma não ter todas as cartas arquivadas, não é possível diagnosticar com certeza a origem da redução. Não há como afirmar se os idosos diminuíram consideravelmente a escrita de cartas ou, simplesmente, se estas cartas foram escritas, mas não estão arquivadas.

Apesar do pequeno número de missivas analisadas, alguns pontos podem ser levantados no que diz respeito a conteúdo, forma, posicionamento do autor e interação entre os correspondentes enquanto instrumento do processo de ensino-aprendizagem dentro e fora dos muros escolares.

No primeiro ano de correspondência, as 50 cartas analisadas, tanto de idosos quanto de crianças, têm um caráter de reconhecimento do outro e de exposição de alguns aspectos pessoais: os assuntos abordados tratam da explicitação dos gostos de cada um, do modo e do lugar onde vivem, como vivem, como se estrutura a família. Ao que parece, conhecer o interlocutor é mesmo uma ânsia de quem escreve: talvez porque sua presença silenciosa (e ao mesmo tempo atordoante), discreta (porém, inevitavelmente

perceptível), distante (mas próxima o bastante para ser sentida), seja fundamental para o acontecimento da escrita. Como bem disse Marques (2003, p. 82), “no ato de escrever a presença do leitor, por ser apenas tácita e expectante, faz com que quem escreve escreva de si dizendo-se a si mesmo coisas que jamais saberia se não as confiasse ao corpo mudo da folha (...)”. E ainda,

Não existe, portanto, o escrever sem a interlocução dos sujeitos que interagem, que se provocam através dele em dialógica produção de significados. Não existem o que escreve e o que lê, sem a recíproca suposição da ação de um deles sobre a ação do outro. (MARQUES, 2003, p. 89)

O conteúdo discursivo não trata de temas íntimos e por vezes, devido à semelhança das produções infantis, parece ter sido “indicado” por outra pessoa e reproduzido pelo autor. Outro dado que se repete e demonstra certo distanciamento dos correspondentes entre si diz respeito aos pronomes de tratamento utilizados no início das cartas das crianças: geralmente “SR.” ou “SRA.”, “PREZADO (A)”. Já nas respostas dos idosos aparecem tratamentos mais afetivos como “*QUERIDO (A)*” ou “*MEU/MINHA AMIGO(A)*”. Mas em todas as cartas é possível perceber manifestações de carinho pelo correspondente no decorrer do texto – o que pode ter origem no trabalho realizado nas instituições durante a motivação para o projeto ou mesmo na sensação de intimidade entre os interlocutores, quase sempre relacionada ao gênero epistolar de escrita.

Um tema recorrente nas missivas analisadas de 2001 é a vontade explícita de encontrar pessoalmente e conhecer “de perto” o correspondente. A interação entre idosos e crianças começa a se instalar timidamente, mas parece ser alimentada pela expectativa da nova amizade iniciada por meio das cartas. Isso fica evidente em frases como “*Estou ansiosa pelo nosso encontro*”, “*Quando vamos nos encontrar? Quero te conhecer melhor*”, “*Acho que quando a gente se conhecer pessoalmente vamos ficar mais amigos*”.

As epístolas de 2002 apresentam a evolução dessas relações de amizade entre as crianças e os idosos. Alguns deles já se conhecem pessoalmente em virtude do encontro promovido pelas instituições envolvidas no projeto, e demonstram, nas cartas, um carinho especial pelo correspondente. Algumas crianças tratam seus correspondentes por “*QUERIDA(O) VÓ(VÔ)*”, “*QUERIDO BISO(A)*”; assim como alguns idosos os tratam por netos ou bisnetos.

O conteúdo discursivo das cartas, nesse ano, já tem um caráter sensivelmente diferente. São trocas de idéias, desabafo sobre a vida, relatos de experiências, conselhos dos idosos para as crianças, preocupação e aconselhamento dessas em relação à saúde dos mais velhos. Tais atitudes de escrita, além de demonstrarem uma maior interação entre os correspondentes, colaboram para a desmistificação do escrever e de certa forma “empurram” para a autoria e a exposição ao outro. Tudo isso nos remete às afirmações de Foucault (1992, p.147):

A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente – aconselhá-lo, axortá-lo, consolá-lo – constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar: tal como os soldados se exercitam no manejo das armas em tempo de paz, também os conselhos que são dados aos outros constituem uma maneira de se preparar a si próprio para eventualidade semelhante.

Ainda em 2002, uma das correspondências escolhidas tem uma característica especial: é escrita pelas mãos da filha da autora. A interação pela escrita, nesse caso, acontece num triângulo entre criança, idoso e escriba.

Eu não tive a oportunidade de estudar, porque morava no sítio muito longe de escolas. Esta carta é minha filha que escreve para mim. Por isso acho que você deve aproveitar para estudar bastante e seguir uma carreira. (trecho da carta de idosa participante do projeto – 23/6/02)

A espera pelo reencontro também aparece muitas vezes como temática das cartas. No que se refere à estrutura formal e à autoria, na maioria das correspondências analisadas a escrita está mais solta, mais aberta. Os autores-infantis agora têm uma presença um pouco mais marcante nas cartas, com uma escrita mais decidida. Parecem estar mais confiantes em seus interlocutores, o que gera uma espécie de cumplicidade silenciosa entre escritor e leitor numa escrita mais autêntica e autoral. É visível nessas cartas, a afirmação de Gomes (2004, p. 13/14):

As práticas de escrita de si podem evidenciar com muita clareza como uma trajetória individual tem um percurso que se altera ao longo do tempo, que decorre por sucessão. (...)

A autenticidade da escrita de si torna-se inseparável de sua sinceridade e de sua singularidade.

Entretanto, um problema começa a ser retratado por meio dos escritos infantis: a falta de resposta de alguns idosos e a tristeza das crianças por não receber a réplica as suas cartas. O motivo dessa ausência não pôde ser identificado pela análise dos textos, mas isso pode nos levar a uma reflexão sobre a escola e a produção escrita no ambiente escolar: nossos alunos esperam também respostas aos seus escritos, mas a espera, no mais das vezes, é acompanhada de angústia e até medo. Não é uma resposta esperada com carinho, permeada por uma expectativa otimista e uma ansiedade gostosa que dá um friozinho na barriga. Ao contrário. A resposta de alguns professores aos escritos de seus alunos dá medo porque quase sempre traz apenas repreensões e apontamento de erros. Então perguntamos: há como construir a autoria provocando o medo da exposição pela escrita em decorrência de uma prática pedagógica muitas vezes descontextualizada? Ora, a resposta parece ser um tanto óbvia. Se estamos amedrontados não somos capazes de qualquer abertura. Assim, não podemos também experienciar, sentir, vivenciar a escrita, nos expormos a ela e por ela. Então, dificilmente estabeleceremos algum tipo de interação necessária à escrita criativa e é quase impossível que sejamos autores.

Como bem lembra Orlandi (1996, p.78), “para que o sujeito se coloque como autor, ele tem de estabelecer uma relação com a exterioridade, ao mesmo tempo em que se remete à sua própria interioridade; ele constrói assim uma identidade como autor. Isto é, ele aprende a assumir o papel de autor e aquilo que ele implica”.

#### **4. Saberes de duas gerações: quem ensina e quem aprende numa educação que também se faz pela escrita?**

Mais uma vez recorremos a Marques (2003, p. 26), agora para as considerações que devem finalizar este trabalho falando um pouco de escrita e educação:

Importa o fato de que, ao escrever, acho-me numa interlocução de muitas vozes que me agitam, conduzem, animam, perturbam. É isso que faz de meu escrever uma amplificação de perspectivas, abertura de novos horizontes, construção de saberes novos. Os saberes de cada interlocutor e os meus se fundem e se transformam, reformulam-se. De maneira muito especial, meus saberes anteriores se configuram agora outros. A isso chamamos aprendizagem.

Por isso, entendemos que a experiência das cartas difere da famosa redação escolar – tão criticada – no que diz respeito ao desenvolvimento autoral, primeiro por não enquadrar os autores em moldes e assuntos pré-determinados, mas especialmente por não julgá-los e atribuir a seus escritos juízo de valor (coisa que a educação escolar tem feito, prioritariamente, ao longo dos anos). Ao contrário, a troca de correspondência entre idosos e crianças ultrapassa os muros escolares e suas formatações, homogeneizações; faz da produção escrita um ato individual de exposição pela autoria. As cartas têm destinatários e logo que escritas soltam-se das mãos do escritor e fogem de suas vistas. Não pertencem mais a quem as escreveu. Por isso, podem constituir-se numa experiência educativa construtora do sujeito-autor.

Como lembram Machado e Giannella (2000, p. 81),

Preparar-se para a autoria é preparar-se para perder; perder o medo, perder o poder, perder a ascendência, perder o controle, perder a supervisão do escrito que um dia parecia tão íntimo e tão completamente meu ou teu. Meus escritos, teus escritos, se soltados das amarras ao corpo do seu produtor, sobreviverão a meu tempo e ao teu. (...) acorrentados ao pé do escritor, não podem cumprir seu destino nem encontrar seus destinatários. Tampouco podem fazer do praticante de escrita um autor.

Nessa experiência de dar-se ao outro pela escrita não há mais a figura do “professor-que-tudo-sabe” e do “aluno-que-precisa-aprender”. Há, sim, dois autores que se constroem, ensinam e aprendem contando suas histórias, suas alegrias e angústias conforme elas se apresentam e se fazem sentir. Há crianças que aguardam ansiosas pelas respostas de seus correspondentes porque estas respostas vêm carregadas de sentido, de vida; e não de cobranças. Por meio delas também se aprende. Assim, ultrapassar os muros da escola pela escrita e, ao mesmo tempo, trazer a “vida real” para dentro do ambiente escolar é promover a

interlocução de saberes, é construir e provocar atitudes de autonomia em nossas crianças educando-as verdadeiramente para a assunção de seu papel no contexto histórico-social em que estão inseridas.

Como educadores, temos muito a refletir com uma experiência como esta, na qual aprender e ensinar mutuamente a partir do intercâmbio de conhecimentos com o outro parece ser mais importante para o estabelecimento de uma educação para e das humanidades do que qualquer outro conhecimento que seja apenas transmitido verticalmente na escola.

Além disso, como bem argumenta Burgos (2005, p. 135/136),

La educación entendida como “interlocución” implica que ella se verifique en un diálogo de saberes, no en un simple intercambio de información (...) El aprendizaje es construcción colectiva asumida por grupos específicos en una dinámica social más amplia, donde se establecen entendimientos compartidos, nunca dados de una vez, sino que están siendo siempre retomados por sujetos en interacción y movidos por intereses prácticos en el mundo en que viven.

A escritura de cartas provoca a ex-posição ao outro, a si; mas também a interação e a interlocução de saberes, apontadas por Burgos. Por isso, ajuda a pensar (e melhor, realizar) a educação na perspectiva de Larrosa (2002), uma educação a partir do par *experiência/sentido* onde a experiência é o que nos atravessa, nos acontece, nos diz algo e por isso nos transforma. O saber advindo dessa experiência é “particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. A experiência e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriar-nos de nossa vida” (LARROSA, 2002, p. 27).

Parece-nos, então, que se pretendemos, enquanto professores, contribuir efetivamente para a formação integral de nossos alunos já é hora de repensarmos as práticas escolares que privilegiam o controle e o domínio constantes do pensamento alheio, de seus desejos e de seus atos. Práticas que, portanto, impedem a experiência. É fundamental que nossos “fazereres” na escola, especialmente aqueles voltados à produção escrita, trabalhem para que nossos alunos sejam os personagens principais de sua história e não coadjuvantes à margem do processo de crescimento intelectual e construção da autoria.

A contribuição do professor, como aponta Geraldi (1997), é decisiva para que a produção de textos na escola simbolize uma produção de sentido e não apenas uma exigência escolar com a finalidade de atribuição de nota ou correções gramaticais.

Nessa perspectiva, a troca de correspondências retratada neste breve estudo pode oferecer subsídios para transformarmos a prática docente e tornarmos as atividades escolares de escrita mais solidárias e menos vigiadas; mais participantes e menos reprodutoras; mais vivas e, por isso, menos formatadas.

As cartas talvez sejam o meio mais eficaz para as primeiras incursões no mundo da escrita “para o outro”. Primeiro porque dão ao autor a certeza de não estar “falando sozinho”, mas de ter um interlocutor conhecido e aberto aos seus escritos. Depois, porque a exposição do autor (aquela, tão temida e protelada) acontece numa dimensão mais íntima, amigável, segura. Tudo isso pode constituir-se numa espécie de laboratório para a escrita pública, criativa – seja acadêmica, literária ou jornalística. A escrita traduz-se, de alguma forma, pelas cartas, em momentos de prazer, troca, construção e reconhecimento de si e do outro.

E então... que venham as letras vivas e com elas, os autores!

## 5. Referências bibliográficas

BURGOS, Carlos Crespo. **El desafío de aprender**. Quito (Equador): Cafolis – Grupo Apoyo, 2005.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Ed. Veja, 1992.

GERALDI, João Wanderlei. **Portos de Passagem**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GOMES, Angela de Castro (org.). **Escrita de Si. Escrita da História**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.

LARROSA, Jorge. IN: **Revista Brasileira de Educação**. Ed. Editores Associados, 2002.

MACHADO, Ana Maria Netto; GIANNELLA, Mirian. IN: GONÇALVES, Robson Pereira (org.). **Subjetividade e escrita**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2000.

MARQUES, Mario Osório. **Escrever é preciso – o princípio da pesquisa.** 4ª ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico.** Petrópolis: Vozes, 1996.

UNIMED. **Projeto Unindo Gerações.** 2002.